

Seu bairro

Trobogy assume ares de grande bairro

As margens da Avenida Paralela está se formando uma "cidade" que poucos bairros conhecem. Formada por uma sucessão de conjuntos, como Trobogy, Flamboyant, Paralela Park, Nova Cidade, Aldeia das Pedras e Vale dos Lagos, a área ainda não chega a formar um só bairro, mas está ficando conhecida como Trobogy, um dos principais conjuntos. Cercada por matas com lagos e riachos — e privilegiada com uma vista para o mar, a vasta região, compreendida entre a Paralela e Canabrava, seria perfeita para morar se não fossem os problemas. Os mais graves são a falta de segurança, o transporte precário e a favelização.

MARIA DE FÁTIMA DANNEMANN

Cena um: duas jovens descem a pé a ladeira do Trobogy, reclamando que se não derem uma poletada até a Paralela vão ficar nojando no ponto de ônibus. Cena dois: no condomínio Nova Cidade, enquanto os moradores reivindicam da Caixa Econômica a infra-estrutura de segurança, como muros e guaritas, moradores de uma favela próxima usam a quadra de esportes para jogar bola. Cena três: uma favela cresce no Vale dos Lagos, um dos mais antigos conjuntos da margem esquerda da Avenida Paralela (sentido Centro-Aeroporto). Situações que resumem os piores problemas do Trobogy.

"Aqui é bom para quem tem carro", diz Edivânia Pereira, moradora do conjunto Aldeia das Pedras, ao descer a ladeira do Trobogy a pé para não precisar esperar até uma hora no ponto. A região é grande. As ruas escapam à regra geral da cidade e praticamente não tem buracos. Ainda há área verde e lagoas bem preservadas, mas em compensação o transporte e a segurança têm feito os moradores reclamar. Nem mesmo os conjuntos mais antigos, como o Vale dos Lagos, e os mais novos, co-



Um dos primeiros e maiores conjuntos da região, o Trobogy acabou emprestando o nome ao bairro

mo o Nova Cidade, escapam às críticas contra a infra-estrutura, que, na opinião dos moradores poderia ser bem melhor.

Infra-estruturas

Um dos mais recentes e mais distantes da Paralela é o Nova Cidade, próximo a Canabrava. Os prédios são pintados em tons pastéis. De alguns blocos, cercado por manguieiras e outras árvores frutíferas, oferece uma bela vista para o mar. Há quadras de esportes e um pequeno comércio de conveniência. Mas os moradores têm muitas queixas. "A Caixa Econômica não usou o dinheiro do fundo de reserva cobrado na implantação do condomínio. O resultado disto é que não temos segurança", diz Fábria Gorete Rodrigues, moradora do local.

Os blocos da área mais baixa do conjunto fecharam a entrada e colocaram guarita, mas outras áreas ainda estão expostas. Lin-

quanto Fábria conta que ex-badameiros têm feito uma verdadeira bagunça na lixeira do conjunto, um grupo de jovens, depois do baba, sobem as escadarias de acesso à quadra de esportes, deixam o conjunto e se dirigem à favela em frente ao Nova Cidade, onde moram. "Nossa vida tem sido uma eterna troca de faxas entre prefeitura, Caixa Econômica, Secretaria da Segurança e os problemas continuam".

Favela

Se com três anos o Nova Cidade já tem problemas, aos 18 anos de existência, o Vale dos Lagos bate todos os recordes. Ruas esburacadas, verdadeiros lagos de lama quando chove. É o pior de tudo: uma favela em meio aos blocos de apartamento. "A Caixa Econômica não está dando nenhuma assistência na conservação do conjunto", diz Raimundo Manoel de Jesus, morador da Rua E do Vale dos Lagos, ao falar sobre os buracos, as construções irregulares em casas comerciais e os barracos da favela que cresce no local.

Muitos dos prédios necessitam de pintura. Estão manchados pelo tempo ou pela ação da umidade, mas os moradores empurram a culpa para a Caixa, que estaria quitando os apartamentos a preço de banana, para livrar-se da responsabilidade da conservação dos prédios. Mas não é só isso. "Falta também um módulo policial, transporte, saneamento público, pavimentação e drenagem pluvial. Estamos muito carentes e precisamos de quase tudo por aqui", diz Raimundo Manoel.

Barulho sem solução

A infra-estrutura pode ser problemática, mas nesses conjuntos residenciais existem coisas boas. Uma delas, contam os moradores, é a relação com a vizinhança. Festas, babas, churrascos, aniversários, times e campeonatos de futebol marcam o dia-a-dia do pessoal. Todos se conhecem pelo menos de vista e em todos eles crianças brincam na rua sem maiores riscos. Se falta ônibus, não falta a barracinha de cerveja, onde até nos dias de semana, rola sempre um joguinho de dominó ou um carteadado.

Claro que na questão de vizinhança nem todos são flores. Pedindo *pelamorededeus* para ficar no anonimato, moradores fazem queixa do entorno desses conjuntos. Barracas de chapa, bares de sinuca e outros cacetes armados que dão ar de favela ao

bairro são responsáveis pela zoadeira, bagunça e música no mais alto volume nos fins de semana. Como não há polícia, não há a quem reclamar. E uma ligação para os órgãos ambientalistas rendem sempre a mesma resposta: "Infelizmente não podemos fazer nada".

Visão rural

O bonito de alguns destes condomínios está na paisagem. Lagoa Verde, o mais chique, está nas margens de lagoas e quem abre a janela do apartamento vê remanescentes de florestas praticamente intocados. Entre os vales, colinas e prédios, há até fazendinhas, onde o gado pastando, como se estivesse na zona rural do estado, dá um ar de interior que vários pontos da cidade já perderam.

Carros expostos aos ladrões

Mesmo os conjuntos mais bem cuidados, como o Trobogy, Paralela Park, Asa e Aldeia das Pedras, têm sérios problemas, sendo o pior a falta de segurança policial. A maioria desses prédios não tem garagem. Muitos não estão cercados e não têm guarita e o resultado é uma grande quantidade de roubos de carros. Mesmo com as placas de "Pare, Identifique-se", as pessoas passam tranquilamente os portões dos conjuntos e lá dentro, uma surpresa: entre as alamedas floridas do Aldeia das Pedras e o Trobogy, estão carros importados que chegam a estalar de novos. Um prato cheio para os ladrões que agem impunemente.

O Trobogy está dando nome ao bairro não sem razão. É mesmo o mais organizado dos conjuntos da área e um dos mais próximos à Paralela. Tem escola, é o único com módulo policial e orelhões, mas os moradores se queixam do transpor-

te. Allás, seus vizinhos do Asa, Aldeia das Pedras e Vila Dois de Julho fazem a mesma queixa: "só existem duas linhas de ônibus — Lapa e Pituba. Quando um ônibus quebra, esperam até uma hora por outro. Eles não colocam reforço", diz Maria Maria de Jesus, en-

outro que desfia um rosário de queixas contra o transporte coletivo no local. Na porta do condomínio Flamboyant, ele espera a boa vontade de um motorista que pare no ponto do sentido Paralela-conjunto. "Eles enrolam e não param, os passageiros ficam aqui eles inventam que vão pra garagem e não levam ninguém". O fotógrafo Arestides Baptista, morador do Paralela Park, também se queixa. "Não tem abrigo de ônibus e quando o transporte aparece já vem cheio".

No Paralela Park, a segurança também não vai bem. "Nossa segurança é Deus. Não temos nem a quem reclamar", diz Delmir Alves Baptista, morador do Paralela Park, que para minimizar os problemas, os moradores dos diversos eixos contrataram guarita e contrataram vigilantes, que são sempre reforçados em períodos de férias e festas populares. "Mas precisamos mesmo de um módulo policial e viaturas que façam a ronda por todo o bairro".



O Paralela Park, com prédios de três andares, é bem urbanizado

quanto espera um ônibus na Aldeia das Pedras.

Ônibus

Se a fiscalização da Secretaria Municipal dos Transportes Urbanos chegasse a visitar esses locais iria sair surda de tanta reclamação. Delmir Alves, morador do Paralela Park, é



Conjunto dos mais antigos, o Flamboyant tem edifícios mais altos